Percursos Feministas de Sarah Beirão no Brasil: a imprensa periódica para os imigrantes portugueses

Sarah Beirão's Feminist Journeys in Brazil: Periodical Press for Portuguese Immigrants

Eduardo da Cruz[1]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
https://orcid.org/0000-0002-2150-9266

Erick Douglas Nascimento da Silva[2]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
https://orcid.org/0009-0007-1254-8152

[1] Professor Associado de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ; Doutor em Estudos de Literatura (Literatura Comparada, 2013) pela UFF, Mestre em Ciência da Literatura (Teoria Literária, 2009) na UFRJ e Licenciado em Letras - Português/Inglês pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005), com Pós-Graduação Lato Sensu em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ (2006).

[2] Mestrando em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - CAPES.

Eduardo da Cruz

Percursos Feministas de Sarah Beirão no Brasil: a imprensa periódica para os imigrantes portugueses

Resumo: O presente artigo analisa a colaboração da escritora, jornalista e feminista portuguesa Sarah Beirão (1880-1974) na imprensa periódica brasileira, com foco na coluna "Confessionário Feminino", do jornal carioca voltado para os imigrantes portugueses, Pátria Portuguesa, com o qual colaborou entre 1928 e 1931, em suas colaborações na revista Lusitânia (1929-1934) e sua conferência realizada em São Paulo em 1937, publicada na Revista Portuguesa desse ano. Nesse âmbito, o trabalho tem por objetivo encontrar expressões que indicam quais ideais feministas a escritora difundia nessas publicações. Para tal, foram feitas separação e análise dos textos de Sarah Beirão nas edições físicas do jornal, encontradas no acervo do Real Gabinete Português de Leitura, e pesquisa por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, buscando dados de sua repercussão. Além disso, também foram estudados teóricos e outros pesquisadores, para ajudar a compreender melhor a escrita feminina e as pautas feministas da época. Diante disso, notou-se que a escritora, nas 41 crônicas, em meio aos conselhos, geralmente amorosos, indicava suas posições feministas como a defesa do direito da mulher à educação e ao trabalho e a participação feminina nas decisões públicas. Mas também se constatou alguns traços conservadores no que tange a questões sobre sexualidade e raça. Constatou-se também que suas pautas se mantiveram em sua produção ficcional e na conferência.
Palavras-chave: Sarah Beirão; escritoras portuguesas; feminismos; imprensa periódica; profissões para mulheres

Sarah Beirão's Feminist Journeys in Brazil: Periodical Press for Portuguese Immigrants

Abstract: This article analyzes the collaboration of the Portuguese female writer, journalist and feminist Sarah Beirão (1880-1974) in the Brazilian periodical press, focusing on the column "Confessionário Feminino" (Feminine Confessionary) of the Rio de Janeiro newspaper aimed for Portuguese immigrants, Pátria Portuguesa, wherewith she collaborated between 1928 and 1931, on her contributions to the magazine Lusitânia (1929-1934) and her conference held in São Paulo in 1937, published in the Revista Portuguesa of that year. In this context, the work aims to find expressions that indicate which feminist ideals the writer disseminated in these publications. To this end, Sarah Beirão's texts were separated and analyzed in the physical editions of the newspaper, found in the collection of the Royal Portuguese Reading Room, and additional research was carried out through the Digital Newspaper Library of the National Library, seeking data on her impact. In addition, theorists and other researchers were also studied to help better understand female writing and the feminist agendas of the time. In view of this, it was noted that the writer, in the 41 chronicles, among the advice, usually romantic, indicated her feminist positions such as the defense of women's right to education and work and female participation in public decisions. However, some conservative traits were also noted regarding issues of sexuality and race. It was also noted that her agendas were maintained in her fictional production and in the conference.
Keywords: Sarah Beirão; Portuguese women writers; feminisms; periodical press; profession for womens.

1. Introdução

A Na passagem do século XIX para o século XX, alguns países, sobretudo europeus e americanos, experimentaram o surgimento de um movimento de mulheres que lutavam por seus direitos. Portugal não ficou indiferente a essa mudança e viu-se, aos poucos, sendo palco de uma corrente feminista que, na busca pela emancipação das mulheres, apresentava-se como uma "tomada de consciência do valor da pessoa, como definição do seu papel na sociedade e como contestação e revisão de preconceitos e limitações até aí impostos à mulher" (Silva, 1983, p. 875).

De acordo com Maria Regina Tavares da Silva[3] (1983), o feminismo em Portugal sempre teve um caráter moderado, culturalmente distante dos movimentos radicais e lutas sufragistas de outras nações. Desse modo, nunca foi violento, mas era eficaz ao fazer suas reivindicações pela persuasão. Reivindicações essas que, na voz dessas feministas, não envolviam o direito de imitar os homens na vestimenta ou na forma de agir, tampouco dominá-los, mas lutavam para conquistar para as mulheres equidade de direitos.

A luta por essa isonomia começa com uma recusa das características negativas, "em que a mulher foi reduzida, quer a objeto de luxo ou boneca fútil, quer a escrava ou serva embrutecida" (Silva, 1983, p. 885), e a adoção de uma nova imagem para elas. Nessa pauta, no cenário português, estavam, principalmente, três itens, com os quais nem todas concordavam: o direito ao voto como manifestação da participação cívica e política; a independência financeira, que gera, consequentemente, uma autonomia psicológica e emocional; e a educação das mulheres – este último, altamente relevante no contexto português, por permitir mais contestação feminina e contribuir para a autonomia.

[3] Maria Regina Tavares da Silva, em seu fundamental artigo sobre os discursos das feministas portuguesas, baseia-se em uma série de autoras, tais como Adelaide Cabete, Ana de Castro Osório, Emília de Sousa Costa, Maria Velada, Virgínia de Castro e Almeida e outras, mas não inclui Sarah Beirão, por isso, destacamos essa escritora neste artigo.

À vista disso, as feministas portuguesas se valeram da imprensa periódica como veículo de seus ideais revolucionários. Como explica Isabel Lousada, "Muitas das feministas de primeira vaga assumiram a Imprensa como veículo de propaganda eficaz do seu ideário, pelo qual se entregaram e sacrificaram." (2010, s.p.). Assim, para tornar a propaganda mais precisa, como destaca João Esteves (1999), em jornais, revistas literárias e periódicos femininos, as mulheres expressavam por meio de artigos de opinião, comentários, cartas, poemas e discursos, suas principais pautas.

Logo, as primeiras feministas apropriaram-se da imprensa – seja aproveitando espaços destinados a elas nos periódicos diários, seja nos boletins informativos e nos órgãos de propagandas das associações feministas, ou jornais e revistas dirigidos por e para elas – como difusores eficazes de suas reivindicações, denúncias e espaço para instrução e convocação de novas aliadas para as suas causas. E assim fez, também, Sarah Beirão, objeto de estudo deste artigo. Essa escritora difundiu seu feminismo não só em seus livros, mas também em sua colaboração em diversos periódicos, portugueses e brasileiros. Afinal, como afirma Michelle Perrot, "as feministas têm consciência do papel da imprensa na opinião pública" (2017, p. 34).

Vale ressaltar que, como destaca Vanda Anastácio (2022), a história da literatura portuguesa carrega consigo um silenciamento sistemático da produção feminina. Logo, este artigo – na esteira de outros trabalhos que vêm sendo empreendidos nos últimos anos – busca trazer à tona as vozes silenciadas das mulheres que produziram no fim do século XIX e início do XX com o intuito de valorizar suas histórias e suas vozes. Assim, resgatar Sarah Beirão é uma maneira de preencher lacunas históricas e desconstruir uma narrativa tradicionalmente excludente, ao revelar a contribuição de mulheres para a literatura portuguesa e para a sociedade em geral. Isso porque é fundamental "repensar o modo como a memória histórica e as narrativas que a transmitem lidaram com a informação relativa às mulheres, romper com o silêncio que caíu sobre a sua actuação no campo intelectual e fornecer dados sobre essa actuação às gerações mais jovens" (Anastácio, 2022, p. 35).

Diante disso, esta pesquisa analisa as cartas que Sarah Beirão escreve na coluna "Confessionário Feminino", do periódico brasileiro para imigrantes portugueses *Pátria*

Portuguesa (1925-1934), e suas colaborações na revista *Lusitânia* (1929-1934), buscando identificar o caráter do feminismo da escritora.

2. Sarah Beirão

A Nascida em julho de 1880, Sarah de Vasconcelos Carvalho Beirão foi uma jornalista, escritora, propagandista republicana e feminista de Tábua, Portugal. Iniciou seu trabalho jornalístico aos 18 anos no periódico *O Tabuense*, fundado por seu pai, o médico Francisco Beirão, no qual ela assinava com o pseudônimo Álvaro de Vasconcelos (Antunes, 2020). A partir daí, Sarah passou a colaborar em diversos outros jornais e revistas portugueses, assumindo o próprio nome. Ela teve importante papel na política, ao lado do pai, na inauguração do Centro Republicano Tabuense, e ajudando a dinamizar o núcleo de Tábua da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, do qual foi presidente.

Sua militância feminista é bem visível no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP)[4]. Nessa organização, Sarah Beirão assumiu diversos cargos, sendo os mais relevantes: vogal da direção (1925, 1927-1928); presidente da assembleia-geral (1929); vice-presidente (1931-1935 e 1943-1945); presidente da direção (1936-1941); e presidente honorária (1942). Além disso, foi, entre 1934 e 1946, diretora e autora da maioria dos artigos do boletim *Alma Feminina* (1917-1946), o órgão de propaganda do CNMP. Célia Rosa Costa afirma que, durante o período em que acumulou a função de presidente do Conselho e diretora do informativo, Sarah "vai demonstrar grande tenacidade e poder de resistência, tanto ao manter operacional a organização feminista como ao manter a publicação do boletim, mesmo após o período em que esteve impossibilitada por doença, em 1937, de exercer as suas funções a nível associativo" (2021, p. 86).

[4] Organização feminista fundada em 1917, mantendo atividade ininterrupta até seu fechamento pelo Estado Novo em 1947.

Eduardo da Cruz e Andreia Castro (2022) afirmam que nas primeiras três décadas do século XX houve uma proliferação de escritoras em Portugal. Isso porque era "o período de luta por posições de trabalho para as mulheres e muitas seguiram os caminhos de suas companheiras do século XIX e buscaram o campo das letras como profissão" (Cruz e Castro, 2022, p. 12). A maioria dessas autoras produzia poemas, mas muitas escreviam contos, romances, teatros, literatura infantil e conferências, e são nesses gêneros os quais Sarah Beirão se destaca., sobretudo na produção de romances.

Além de ampla participação na imprensa, como ficcionista, iniciou sua carreira com dois livros de contos: *Serões da Beira* (1929) e *Cenas Portuguesas* (1930). Também possui outros dois livros de contos, mas destinados ao público infanto-juvenil: *O Raul* (1934) e *Manuel vai correr o mundo* (1955). E sua obra se completa com mais 12 romances, publicados entre 1931 e 1955. Seus livros receberam várias reedições, o que indica sucesso de vendas.

Do mesmo modo, Sarah Beirão foi uma conhecida congressista, palestrando principalmente entre o fim da década de 1920 e a de 1930. Dentre suas conferências, destaca-se a participação no II Congresso Feminista e de Educação com a tese "A Mulher Portuguesa no Comércio", em 1928. Em 1937, Sarah Beirão veio ao Brasil onde, entre outras ações de divulgação do CNMP, realizou a conferência de tema "A Mulher na Vida Moderna", que está transcrito na *Revista Portuguesa*, de São Paulo.

Nessa conferência, Sarah Beirão ainda considera válido discutir sobre a dicotomia verdadeiro feminismo / falso feminismo, ressaltando a importância da união, indispensável, para ela, entre homens e mulheres, em pé de igualdade, pois as únicas superioridades que devem ser admiradas são as da inteligência e da bondade, talentos que merecem ser reconhecidos, independentemente do gênero. A escritora ainda salienta a errônea concepção da inferioridade intelectual feminina, arraigada na sociedade, reforçando a defesa de educação para as mulheres. Sobre a contribuição no lar, Sarah expõe que muitos de seus contemporâneos acreditavam que as mulheres não deveriam receber um modo de vida mais justo para não as afastar das obrigações de casa. A conferencista, porém, destaca que é a inutilidade, de fato, um dos grandes males sociais, reforçando a necessidade de formação para as mulheres. A educação que a conferencista

almeja é profunda e sólida, para que elas possam ganhar o pão por meio dela: "Numa sociedade organizada, conforme a natureza das coisas, a mulher será educada desde a infância, com o mesmo objetivo que o homem: viver do seu trabalho" (*Revista Portuguesa*, 1937, p. 155). Assim, percebe-se que, na "vida moderna" defendida por Sarah Beirão, as mulheres deveriam ser independentes trabalhando.

Em 1964, Sarah e seu marido, o produtor de filmes Antonio de Carvalho, criam em Tábua a Fundação Sarah Beirão, uma casa de repousos para artistas. A instituição ainda existe, prestando serviços de segurança social para a população idosa. Dez anos depois, em maio de 1974 – um mês após o fim do regime salazarista –, a escritora morreu no mesmo município em que nascera, deixando como legado sua luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero, algo também presente em seus trabalhos, sejam nas narrativas ficcionais, nas colunas de opinião nos jornais e revistas em que colaborou ou nas conferências que proferiu.

3. Confessionário feminino

A coluna em que Sarah Beirão produzia as crônicas aqui estudadas foram publicadas no periódico *Pátria Portuguesa*. Com o subtítulo "Pela Pátria, Pela Tradição, Pela Raça", este semanário, que existiu entre 1925 e 1934[5], foi fundado pelos jornalistas João Crisóstomo Cruz e José Augusto Corrêa Varella, e pelo comerciante Lourenço Júlio Teixeira, três imigrantes portugueses que viviam no Rio de Janeiro e formaram a "Empresa Editora Teixeira e Companhia". O semanário era destinado aos imigrantes portugueses no Brasil e tinha como proposta defender os interesses desse grupo e divulgar assuntos de Portugal. Em seu conteúdo variado, "apelava para discursos de exaltação da nação e de seu povo, dos valores portugueses, da tradição católica, e para o valor da história de Portugal, pensada como um testemunho da eterna grandeza da Pátria, fazendo, portanto, diferentes usos do passado" (Triches, 2011, p. 120), assim,

[5] Consultamos os exemplares existentes no acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

com a ascensão do Salazar, tornou-se um dos maiores propagadores do salazarismo no Brasil, juntamente com outro órgão da mesma empresa editorial, o *Diário Português*.

Mesmo com esse programa, tal periódico continha em suas páginas textos de autoria feminina, como a coluna "Confessionário Feminino", assinado por Sarah Beirão que, ao responder conselhos – geralmente amorosos – de leitoras e leitores, aproveitava o espaço para difundir seus ideais feministas, com certa dose de conservadorismo. E talvez isso se justifique não só pela presença da escritora em um jornal relacionado a um regime tradicionalista como o do Estado Novo, como também pelo fato de ela ter conseguido publicar e ser bastante lida ao longo desse mesmo governo, inclusive com repercussão no Brasil, principalmente junto aos imigrantes.

A mesma coluna também aparecia no periódico português *O Primeiro de Janeiro*. Verificou-se, com a análise realizada, marcas que podem indicar que esse foi o jornal para qual Sarah Beirão escrevia originalmente. No entanto, não foi possível confirmar se a própria escritora também enviava a coluna para o Brasil exatamente como escrevia para a publicação de seu país, ou se seu texto era transcrito no Rio de Janeiro. Independentemente desse ponto, no *Pátria Portuguesa* foram encontradas 41 cartas do "Confessionário Feminino", publicadas entre setembro de 1928 e janeiro de 1931.

Ao analisar essas cartas, pode-se constatar que Sarah Beirão está de acordo com as três pautas destacadas por Maria Regina Tavares da Silva (1983): direto ao voto, independência financeira e educação das mulheres. Quanto à primeira, Silva afirma que sempre aparece como reivindicação fundamental do feminismo no mundo inteiro, não sendo diferente em Portugal. Porém, muitas das que lutavam pelo sufrágio defendiam-no somente para as mulheres "com qualificações literárias ou científicas, escritora, comerciante, industrial, empregada pública e administradora de fortuna própria ou alheia" (Silva, 1983, p. 892).

Sarah, em suas cartas na coluna aqui estudada, respondendo a uma pergunta direta sobre ser concedido o direito do voto às mulheres, é categórica, logo nas primeiras linhas de seu texto: "Certamente que sim, ilustre senhora. Não há argumento razoável para o contestar" (*Pátria Portuguesa* n. 219 a. V, 17/02/1929, p. 2). Ela

argumenta que é inútil proclamarem que elas eram incapazes, mas afirma que as mulheres são dominadas pelo amor, descuidando-se dos próprios interesses, e só notam isso quando são abandonadas, quando então percebem que não fizeram nada por si mesmas, mas pelos outros. Desse modo, para a escritora, o voto feminino é uma forma de cuidarem de si e de tomarem decisões que lhes afetem direta ou indiretamente. Logo, Sarah declara: "O voto tem de ser concedido à mulher por direito, por dever e por justiça" (*Pátria Portuguesa* n. 219 a. V, 17/02/1929, p. 2).

Silva (1983) afirma que, em relação ao feminismo, a única unanimidade entre as opiniões masculinas era a de vetar às mulheres o direito ao voto. Alguns homens entendiam que elas poderiam exercer todas as profissões liberais e manuais, mas não eram a favor do sufrágio feminino. Essa ideia perpassa a crônica de Sarah Beirão, que percebe a contradição entre os que defendem o direito de as mulheres terem um ofício, mas não o de participarem das decisões públicas: "Se a mulher tem a competência para ser médica, advogada, engenheira, etc... como não havia de tê-la para votar, quando o guarda noturno, o contínuo, o coveiro estão aptos para esse ato!" (*Pátria Portuguesa* n. 219 a. V, 17/02/1929, p. 2).

Ainda na mesma linha, em outro momento, Sarah é indagada acerca da participação das mulheres na direção dos negócios públicos, quando a leitora quer saber se isso apresentaria perigo à sociedade e à família. Em resposta, a escritora afirma que a organização familiar não seria prejudicada com a participação política e cívica das mulheres, pelo contrário, isso a beneficiaria. Alega que, por seu temperamento geralmente afetuoso e índole doce, elas tratariam com moderação e generosidade problemas que eles tratam com pouca atenção. Enuncia que nem toda mulher almeja um cargo político, assim como nem todo homem, mas se aparecesse uma mulher com aptidão para tal função, não haveria razão para fecharem-lhe as portas. Também sustenta tal participação na vida pública dizendo que metade da humanidade é feminina, logo, é justo que os governos sejam constituídos por ambos os gêneros.

Nessa carta, Sarah Beirão faz duas declarações marcantes. Uma delas é: "quem tem deveres, tem direitos" (*Pátria Portuguesa* n. 211 a. IV, 23/12/1928, p. 4). O

argumento que sustenta essa tese é que, pelas leis, mulheres sofriam as mesmas penas por delitos, então deveriam poder usufruir das mesmas regalias. O outro anúncio é: "A mulher tem de trabalhar" (*Pátria Portuguesa* n. 211 a. IV, 23/12/1928, p. 4). Aqui ela argumenta que a modernidade não suporta entidade que não produza materialmente o preciso para viver e complementa destacando a necessidade de se equiparar proventos em igualdade de circunstâncias, pois já havia mulheres que trabalhavam, por necessidade, em condições pesadas, mas que recebiam pagamentos injustos.

O trabalho, para as feministas, era o caminho para a independência econômica. Para elas, a profissionalização das mulheres era como uma carta de alforria, "a mulher não dependente economicamente quebrou uma das cadeias da grande corrente opressora que a envolve e a limita." (Silva, 1983, p. 895).

Assim, é importante destacar que o trabalho que liberta não é aquele esmagador, em condições de miséria, que muitas mulheres exerciam naquele momento. Esse somente reforça a opressão. O objetivo das feministas era o de fazer com que as mulheres pudessem obter o pão, gerenciar a casa e se vestir sem depender de um homem para isso. Na lógica do movimento, o direito ao trabalho gera independência econômica e, emancipadas, as mulheres conquistam também a independência emocional e psicológica, pois podem decidir o próprio futuro afetivo, gostos pessoais e vocação.

Consonante a isso está Sarah Beirão no "Confessionário Feminino". Em várias cartas, a escritora ressalta a pertinência em as mulheres adquirirem seus próprios sustentos. Mesmo quando o tema é a vida amorosa, Sarah concilia o discurso com a independência econômica. A título de ilustração, na coluna de 29 de junho de 1929, em resposta a uma esposa que lamenta a falta de reciprocidade afetiva do marido, Sarah sugere que a causa pode estar relacionada a dificuldades financeiras. Dessa forma, aconselha a leitora a buscar trabalho e obter seu próprio sustento, evitando a necessidade de depender do cônjuge. Em outra missiva, de 30 de dezembro de 1928, respondendo a uma leitora que alega não ser correspondida no amor e estar sendo pressionada a se casar, a colunista recomenda que aceite a união, argumentando que o amor vai surgir com o tempo. Ainda, afirma que a miséria é um fator determinante para

o fracasso conjugal, então, propõe à leitora buscar uma ocupação remunerada a fim de equilibrar o orçamento do lar.

Como visto, é recorrente em seu discurso a defesa do trabalho, seja para as casadas auxiliarem nas despesas do lar, seja para as solteiras sustentarem-se de maneira autônoma, seja para manter o casamento. Por isso, Beirão advoga pela profissionalização das mulheres. Quando, em outubro 1928, é perguntada se uma antifeminista poderia escrever em jornais, Sarah defende a ocupação dos espaços dos jornais pelas feministas. Também perguntada acerca das vantagens de mulheres serem médicas, a escritora alega que essa é uma das profissões mais adequadas ao gênero feminino por sua delicadeza e ressalta o benefício de haver mulheres atendendo outras mulheres, mas lamenta que elas próprias desprezem e desconfiem de suas iguais nessa função, como na coluna de janeiro de 1928. Dois meses depois, no texto de 3 de março, questionada se a vida artística é uma carreira proveitosa para as mulheres, Sarah afirma que sim, incentivando a leitora a segui-la, mesmo ressaltando as dificuldades.

Entretanto, para seguir uma profissão, as mulheres precisavam receber educação adequada: pauta cara a todas as feministas portuguesas. Portugal, mesmo no início do XX, era um país com alto índice de analfabetismo e as mulheres só consistiam em um terço dos poucos que sabiam ler e escrever, segundo Ana de Castro Osório, em *Às Mulheres Portuguesas*. E essas que sabiam e gostavam de ler eram ridicularizadas, chamadas de sabichonas, doutoras ou literatas – o último era considerado a denominação mais desagradável para uma mulher – se tentassem empreender em assuntos que iam além dos folhetins e seções de modas dos jornais.

A ignorância feminina e a sujeição por ela gerada eram consideradas, pelas que lutavam pelos direitos das mulheres, piores do que a ausência de direitos cívicos ou políticos e do que a dependência financeira. As mulheres de classes inferiores viviam um analfabetismo literal, enquanto as de classe superiores possuíam um analfabetismo cultural; ambas eram consequências de uma educação errada e deformada que recebiam desde a infância. Isso era visto como um obstáculo que, para as feministas, deveria ser ultrapassado, pois, em um primeiro momento, impediam-nas de exercer as funções que

a tradição lhes conferia, restritas a esposa, mãe e educadora, e, principalmente, porque a educação adequada era uma ferramenta para as dignificarem como pessoas e uma exigência para o futuro almejado pelo gênero.

Tal pauta é frequente na coluna de Sarah no *Pátria Portuguesa*. Logo em sua primeira publicação, em 16 de setembro de 1928, a escritora responde à questão "Quais são mais requestadas: as mulheres bonitas e parvas ou as feias e inteligentes?" afirmando que, de fato, aos olhos dos homens, as mulheres bonitas são mais disputadas, e acredita que isso é algo que não mudará, porque, enquanto as mulheres buscam nos homens o valor moral, eles sempre vão querer a boneca fútil, que encanta aos olhos, e irão desprezar a inteligente. Assim como a sociedade daquele começo do século XX, eles tinham horror às mulheres cultas. No entanto, Beirão exalta os benefícios para a família em ter uma mulher inteligente: "ela ilumina o lar com uma luz benéfica e serena" (*Pátria Portuguesa* n. 197 a. IV, 16/09/1928, p. 4), diminui as dificuldades da vida e dela irradia o bem. Enquanto a beleza, mesmo possuindo um "dom sobrenatural de inspirar poetas e imortalizar pintores" (*Pátria Portuguesa* n. 197 a. IV, 16/09/1928, p. 4), é passageira, acabando no fim da juventude. Assim, defende que as mulheres deveriam priorizar a sua formação intelectual e cultural, mesmo que isso pudesse significar não conseguir um casamento. Pois, mesmo solteira, teria independência financeira. Também, ao comparar a ação das mulheres cultas com a exibição inspiradora, acaba por valorizar o papel das artistas, mulheres autoras, em detrimentos da posição tradicional de musas.

Claramente, como observado até aqui, Sarah é uma defensora das principais pautas da primeira onda do feminismo português. Por outro lado, a escritora se mostra conservadora em alguns pontos, sobretudo em questões costumes, de sexualidade e de raça. Em uma das cartas nas quais seu tradicionalismo aparece é refletida a questão da exibição do corpo em arte, publicada em abril de 1929. Nessa crônica, a escritora se mostra completamente contra a nudez feminina, alegando que as mulheres que se desnudam perdem a virtude do pudor. Atribui à moda e suas tendências o que ela chama de "estado deprimente da decadência moral", fazendo uma crítica ao tamanho reduzido das saias, que estava sendo tendência. Também comenta sobre os teatros nos quais se

apresentavam mulheres com pernas de fora. Para ela, a mulher bela que se exibe não faz arte, porém, a escritora conclui que, com a ajuda da moda e do teatro, a nudez cresce de modo que as pessoas passam a não resistir e acabam se acostumando. Ou seja, Sarah Beirão percebe o interesse masculino pela exibição do corpo feminino e se posiciona contra essa tendência, mas indica as mulheres como responsáveis nesse caso, não os homens.

Também é conservadora ao se manifestar adepta do pensamento eugenista, que estava em voga naquele momento. Em mais de uma carta, Beirão fala sobre aperfeiçoamento e evolução de "raças". Em uma tratando dos prejuízos da moda do consumo de cigarro entre as mulheres, ela, colocando-se contra a prática, alega:

> Ora, se o homem não pode resistir à nefasta influência do tabaco, como se aguentará a mulher cuja constituição débil lhe não permite muitas vezes trabalhos em que seja indispensável força ou continuidade no dispêndio de energias [...] como vamos nós, as mulheres, que devemos pugnar pelo bem geral, pelo aperfeiçoamento da raça, enfileirar na parte dos que não têm coragem para resistir [...] (*Pátria Portuguesa* n. 252 a. V, 12/10/1929, p. 4).

Em outra carta, de dezembro de 1928, a escritora responde a um protesto de um leitor que não concordou com a tese dela sobre os homens preferirem as mulheres bonitas às inteligentes, de três meses antes. Na ocasião, ela afirma que estava somente constatando a realidade de um modo geral. Ela concorda que os homens cultos preferem mulheres inteligentes, mas afirma que a natureza e "seleção das raças" clamam pela beleza, como se fosse algo instintivo. Ainda nessa linha, em carta de outubro de 1928, ao aconselhar uma leitora que estava apaixonada por um homem negro, Sarah defende que todos são iguais, independentemente da cor da pele, logo, não há barreiras insuperáveis. Porém, declara que os Akas, um povo da África Central, são os mais baixos na escala da vida física – uma expressão nitidamente eugenista. Também exorta a leitora que não se deixe levar pelos primeiros impulsos do amor – este que é momentâneo e não merece sacrifícios – e que reflita de forma madura sobre o assunto, pois, em sua linha argumentativa, dá a entender que ela pode estar se deixando levar pela "evidência" que a "cor escura" estava ganhando naquele momento, referindo-se ao sucesso então em voga de ritmos e danças de origem afroamericana.

4. **Na revista Lusitânia**

Sarah Beirão publicou, ao longo de sua carreira, mais de 50 contos, presentes nos seus quatro livros destinados a esse gênero: Serões da Beira (1929), Cenas Portuguesas (1930); e os dois focados no público infantojuvenil. Algumas dessas narrativas também se encontram em periódicos, como a revista Lusitânia, do mesmo grupo editorial do Pátria Portuguesa.

Lusitania foi criada em 1929 e sobreviveu até 1934. Tendo como subtítulo "Revista Ilustrada de atualidade e de aproximação Luso-Brasileira", sua periodicidade inicial era quinzenal, saindo todo primeiro e décimo sexto dia de cada mês, mas, a partir de outubro de 1932, passou a ser mensal, sendo publicada no último dia de cada mês. De acordo com os dados levantados por Triches (2011), a revista tinha uma ampla circulação, sendo vendida não só no Brasil, mas também em outros países da América – como Argentina, Uruguai e EUA –, em Portugal e nas outras então colônias portuguesas.

Pelas suas seções, é possível notar uma alta valorização da cultura lusitana, destacando histórias, artistas e paisagens portuguesas. Com isso, havia uma seção literária, composta por poemas, crônicas e contos assinados por escritores portugueses que já possuíam prestígio nas letras. Dentre esses está Sarah Beirão, que colaborou na revista em todos os anos em que ela foi publicada com crônicas, contos e peças em um ato. Além dela, outras escritoras portuguesas também colaboraram com a revista, como Aurora Jardim Aranha, Branca de Gonta Colaço, Emília de Sousa Costa, Fernanda de Castro, Gabriela Castelo Branco, Judith Maggiolly, Maria de Carvalho, Virgínia Victorino e outras[6].

As contribuições iniciais de Sarah Beirão na revista foram crônicas. Dessas, salientamos, a princípio, três, sendo duas de abril e uma de maio de 1929, nas quais

[6] Ana Carolina Cardozo Barbosa, bolsista PIBIC 2020-2022, sob orientação de Eduardo da Cruz, fez o levantamento de todos os textos de autoria feminina nessa revista, o que muito contribuiu para esta análise.

Sarah traz histórias de mulheres portuguesas. Na primeira, destaca D. Catarina, duquesa de Bragança no século XVI, mencionando sua inteligência, facilidade para as letras latinas e gregas, matemática e astronomia – tendo passado todo esse ensinamento para os 12 filhos – e seu patriotismo. Na segunda, a personagem é Catánia, que viveu na região de Braga no período do Império Romano, e, por sua coragem, sacrificou-se pela "pátria", sendo uma heroína para sua cidade. Por fim, na terceira crônica, aparece a figura de D. Guiomar Nunes, uma mulher bela e inteligente do século XVII que, com muita astúcia, conseguiu escapar da morte que armavam para ela por ter matado o homem que a iludiu. Com essas crônicas, é notória a intenção da escritora em criar narrativas femininas, colocando-as no centro da história. Ela busca, tal como outras escritoras de diversos países, lutar contra a invisibilidade, "escrevendo biografias de mulheres: rainhas, santas, cortesãs, 'mulheres excepcionais', cujo destino atravessa a noite das mulheres" (Perrot, 2017, p. 18).

Também é possível constatar diálogos entre essas histórias e as pautas de Beirão. Todas as três mulheres das crônicas são marcadas pelas suas inteligências, reforçando a importância que Sarah dá à formação das mulheres, que importava como valor próprio e a ser passado aos filhos, como educadoras do lar. No caso específico de D. Guiomar Nunes, a escritora ressalta a beleza e o intelecto da personagem, o que ela chama, na já mencionada carta de dezembro de 1928 do periódico *Pátria Portuguesa*, de união do útil ao agradável – algo que ela considera utópico. De mesmo modo, há, nas outras duas crônicas, uma ênfase para o patriotismo das personagens – característica estimada pelos periódicos brasileiros com os quais ela contribuía.

Assim como as crônicas, os contos nessa revista também apresentam um protagonismo feminino. As narrativas passam por diversos temas, desde amor, traições, roubos e curas milagrosas. Nelas, as pautas feministas, como é de se esperar, são mais latentes, podendo passar despercebidas em uma leitura pouca atenta, entretanto, elas existem e são bastante significativas. A começar pela principal agenda das militantes portuguesas: o direito à educação.

Nesses contos, as personagens femininas são destacadas pelos conhecimentos que possuem, proporcionada por uma instrução adequada. Um exemplo é Bertha, protagonista do conto "Uma decepção" – publicado na revista em novembro de 1930 e presente no livro *Cenas Portuguesas*, do mesmo ano –, uma jovem do campo que, após se casar, foi isolada pelo marido que a traia. Logo nas primeiras linhas da narrativa, é anunciado que os pais consideram a professora local limitada e, almejando educação melhor para a filha, a enviam para estudar em um bom colégio de moças na capital. Bertha "estudava com um ardor incrível" (*Lusitânia* n. 44 a. II, 16/11/1930, p. 36), concluindo rapidamente sua formação. Sarah, assim, já deixa claro nas primeiras linhas a necessidade da instrução feminina.

A educação era vista como o principal caminho para as mulheres alcançarem a liberdade necessária. E a liberdade feminina é tema do conto "O livro do destino", publicado em 31 de outubro de 1934. Na narrativa, a marquesa de Vale da Rosa, para superar a tristeza da viuvez, dedica-se amplamente à educação de seu filho único. O rapaz cresce e passa a se comportar de forma inadequada para a sua posição. Em seguida a marquesa descobre que ele tem duas filhas e leva as meninas, juntamente com a mãe delas, para morarem com eles no palacete, casando o filho com tal mulher. A mãe das crianças não se acostuma com a "prisão" da riqueza, foge e, após alguns anos, adoece e morre. Depois disso, a marquesa descobre que as netas não são legítimas, pois, na verdade, foram crianças compradas pela sua suposta mãe, cujos pais eram muito pobres e não tinham como criá-las. A nobre investiga e atesta o fato, mas não conta para ninguém, pois as meninas já são suas netas em seu coração. Elas crescem e se tornam exemplos de nobreza de modo que talvez nem o sangue as faria ser.

O ponto marcante desse conto está na suposta mãe das meninas que

> [...] aborrecia de morte. Incomodavam-na os vestidos com que a obrigavam a enfarpelar-se, incomodava-a o aparato que lhe impunham. Se ela pudesse voltar para a sua casinha, num bairro pobre, vir para o meio da rua discutir com as vizinhas... cantar o fado, rir, folgar ao sol da liberdade, sem entristerecem os cortinados a taparem-lhe a luz... Ter a alegria de viver, sem aquela menacólica gaiola de ouro... (*Lusitânia* n. 116 a. VI, 31/10/1934, p. 41).

Esse trecho representa um grito feminista por liberdade. As mulheres, principalmente as mais ricas, de acordo com o fragmento, viviam em uma espécie de clausura, já que só poderiam sair de casa com o pai ou o marido. Os vestidos exuberantes as prendiam, assim como o mecanismo social imposto a elas, e viviam nas sombras, trancadas nas gaiolas douradas, mas muitas clamavam pela liberdade, pelo direito de ir e vir sem serem malvistas por isso. Estavam presas a uma dominação simbólica, como aponta Bourdieu.

Outro tema que pode ser encontrado dentre as narrativas de Beirão na *Lusitânia* é a Lei do Divórcio, pauta da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. A peça "O amor e a fé, nas obras se vê", publicada na revista em maio de 1931, apresenta um homem e uma mulher recém-divorciados, tendo uma última discussão. Pelo diálogo, fica claro que o rapaz, ao longo dos últimos dois anos de casamento, destratava a esposa, chegando a agredi-la fisicamente. No momento encenado, a moça, que muito o amou, decide assinar o divórcio que ele tanto queria. Ele, porém, está arrependido e pede para ela reconsiderar, argumentando que percebe que a amava e todo aquele ódio que ele proferia era falso. Nessa peça, Sarah deixa clara a sua posição favorável ao divórcio. Ela defende que as mulheres se separem dos maridos se estiverem em um casamento violento e sem amor. A escritora preza pelo amor próprio das mulheres, alegando que elas não deviam se submeter a relacionamentos abusivos, devendo buscar a separação, pois possíam esse direito.

Em contrapartida, no *Pátria Portuguesa*, dois anos antes, Sarah aparenta ser contra o divórcio em caso de traição. Na ocasião, a leitora recebeu uma carta anônima dizendo que seu marido a traía e pedindo conselhos quanto a isso. Beirão recomenda que a carta anônima seja rasgada e que se aumente o carinho ao marido, argumentando que, se a carta for real, ela vencerá sua concorrente com tal atitude. Além disso, aconselha que se evite amizades com mulheres novas e belas, que podiam articular de modo que faça o marido desistir da esposa para ficar com elas. Fica perceptível que, para a escritora, apenas a traição não era motivo para o divórcio, além de imputar a mulheres a culpa pela traição, isentando os homens.

Caso semelhante está no conto "A Datilógrafa", publicado na revista *Lusitânia* em março de 1931[7]. Essa narrativa conta a história de um pai que contratou uma datilógrafa e, desde então, passou a ficar menos em casa e a reduzir o dinheiro para a família. Sua esposa se compadece, por ele estar trabalhando muito e com pouco dinheiro, decidindo trabalhar – dando aulas de piano e fazendo enxovais – para ajudar nas despesas. Sua filha vai até o escritório e o flagra traindo sua mãe com a datilógrafa. Ela toma atitude, demite a funcionária e a faz devolver o dinheiro que o pai tinha dado a ela. Seu pai se coloca como vítima – do mesmo modo que Sarah põe o homem que trai, na carta anteriormente citada –, a filha o compreende e perdoa, além de se oferecer para o cargo que ficou vago.

Nesse conto, o ponto central é o trabalho feminino. Beirão traz o secretariado como uma função feminina e menor, mas, ainda assim, uma profissão para mulheres, reforçando sua luta pelas inserção no mercado de trabalho. Para a escritora, as mulheres precisavam equilibrar as despesas do lar e, para isso, era necessário que trabalhassem. Assim pensa a esposa do personagem, ao procurar formas de ajudar financeiramente: "é injusto, chega a ser bárbaro que eu não contribua com a minha quota parte para as despesas da casa, auxiliando-o na grande obra que ele empreende" (*Lusitânia* n. 52 a. III, 16/03/1931, p. 10). Por fim, a filha aparece como uma feminista mais ativista, atenta ao seu tempo, que toma atitudes e, enfim, também assume um cargo profissional.

O trabalho também aparece como tema no conto "Uma Vida", de junho de 1931. Nele, há Emília, uma senhora que ficou viúva jovem, com os filhos, mas não se deixou abater. Ela trabalhava dia e noite, cuidando da fazenda e produzindo vestimentas e roupas de cama. Sozinha, construiu riqueza suficiente para casar as filhas e doar cabeças de gado para os filhos. Depois de dar tudo para os rebentos, conseguiu se reestruturar novamente, sozinha, recuperando riquezas por meio do trabalho. Porém, depois de um ano paralisada em uma cama, faleceu.

[7] Esse conto, que não foi recolhido nos dois livros de contos de Sarah Beirão, foi editado por Eduardo da Cruz e Ana Carolina Cardozo Barbosa no volume 2 da antologia *Ao raiar da aurora*, juntamente com os contos "Crepúsculo" e "Uma vida".

A narrativa, notoriamente, pretende revelar o valor do trabalho, e isso é muito claro no último parágrafo, no qual a escritora se insere como narradora e comenta o caso, que ganha ares de realidade:

> A Emília, a mim, deixou-me uma saudade funda, era o protótipo da atividade humana, figura que eu evoco, que ressalta nas minhas recordações quando quero lembrar-me das mulheres da minha Beira. A Emília era o símbolo do trabalho, da força de vontade, da perseverança. Descansa em paz e que o teu exemplo frutifique nas da tua geração e nos da terra que te foi berço (*Lusitânia* n. 57 a. III, 01/06/1931, p. 8).

Como Sarah mesma diz, o objetivo é que Emília seja um exemplo. A escritora cria história de uma mulher que corre atrás de sustento para si e sua família.. A personagem não para de trabalhar, sendo ativa em todas as condições. Com isso, a autora reforça sua pauta que valoriza o trabalho.

Finalmente, assim como no *Pátria Portuguesa*, na revista *Lusitânia*, Sarah também apresenta certo conservadorismo, sendo aqui principalmente o religioso. Há muitas narrativas com apelo espiritual e ocorrendo dentro de igrejas católicas, mas, em algumas dessas, também é possível notar a luta feminista. É o caso de "Crespústulo", publicado em fevereiro de 1931. No conto aldeão, Beirão descreve o cenário como uma natureza triste. Ali estão três pastorzinhos: um menino que toca um pífaro e duas meninas, menores, que o escutam com flores nas mãos. Surgem, então, uma senhora cega sendo conduzida por sua filha, Rosa. As crianças se compadecem, por saberem que elas passam dificuldades, e começam a discutir maneiras de ajudá-las, mas percebem que acabariam desfalcando suas casas, pois também eram pobres. Logo, ouvem um grito e os três irmãos correm para ver o que houve. Encontram, então, Rosa caída no chão e a cega a lamentar, acreditando que sua filha parara para descansar. Os pequenos, ao se aproximarem, constatam que Rosa está morta e, ao ouvir a notícia, sua mãe grita de dor e cai, também sem vida, no chão. As crianças correm para a aldeia anunciando o que viram, o povo vai ao local, mas já não há o que ser feito. Eles colocam duas cruzes no lugar, e as crianças, toda vez que passam por lá, param, se ajoelham, e rezam pelas almas das duas, lembrando do dia que as encontraram.

É interessante notar e destacar que as crianças são como as três que receberam o milagre de Fátima: três pastores, sendo um menino e duas meninas; eles rezavam Pais-Nossos e Ave-marias, de joelhos, toda vez que passavam pelo local, tanto no conto de Sarah quanto na história da aparição da santa. De um modo geral, todo o conto remete ao milagre, desde a descrição do cenário, no início, que é como a descrição da Nossa Senhora. As personagens que morrem, uma é somente a cega, mas a outra chama-se Rosa, referindo ao rosário, símbolo da santa de Fátima. Sarah, em um momento, diz que a morte das personagens não muda em nada no correr do mundo: tudo continua como antes e logo elas serão esquecidas. Reduz-se assim o valor do acontecido.

Contudo, ao refletir sobre a questão local, entende que, para aquele povo, os que colocaram as cruzes e os que paravam e faziam memória delas, as duas mulheres não seriam olvidadas. Assim, a escritora traz histórias de mulheres comuns como uma forma de dizer que, mesmo o mundo continuando o mesmo, sempre alguém irá lembrar daquela história, daquelas mulheres. Isso pode ser lido como um "levante" para as feministas: as que lutam não serão esquecidas, sempre serão mencionadas, lembradas.

5. Considerações finais

Como bem apontam Esteves (1999), Lousada (2010) e Perrot (2017), a imprensa periódica serviu de palco privilegiado para a expressão feminina, amplificando suas vozes num período em que o acesso à palavra escrita ainda lhes era dificultado, e Sarah Beirão ocupou muito bem esse espaço. Suas palavras, em suas colaborações no periódico brasileiro aqui analisado, ecoam Virgínia de Castro e Almeida, que diz: "O feminismo não é uma força que se levanta contra o homem; é a voz da mulher instruída, forte, equilibrada e pura, que aspira nobremente a um lugar ao lado do seu companheiro para compartilhar as suas dores, os seus trabalhos, os seus cuidados e as suas alegrias" (apud Silva, 1983, p. 888). Assim, demonstra a busca por um espaço ao lado do homem, não em confronto, mas em colaboração, partilhando responsabilidades e direitos.

Embora tendo seu lado conservador, algumas vezes visto como método de sobrevivência em um período ditatorial, a autora defendia a emancipação feminina principalmente pela educação e pelo trabalho, em consonância com Ana de Castro Osório:"Não nos deixemos embalar com o sonho do passado; pensemos no futuro, que é o trabalho e a educação" (2015, p. 61). Seus textos aqui analisados, refletem essa luta pela conquista da independência feminina, mesmo abordando temas considerados femininos, como o casamento e a maternidade, como mencionam Eduardo da Cruz e Andreia Castro (2022).

E talvez justamente por esse mecanismo de sobrevivência, Sarah conseguiu apresentar seus temas em veículos de comunicação nacionalistas e que apoiavam o salazarismo, notoriamente avesso às pautas feministas. Pode-se notar que seus discursos foram bem recebidos, o que indica que existiu uma abertura para a escritora debater a condição feminina. Sua voz que clamava por igualdades de direitos entre os gêneros foi ouvida pelos portugueses que viviam no Brasil, mesmo em espaços ligados ao Estado Novo, ressaltando a sua importância no movimento feminista na comunidade luso-brasileira.

Sarah Beirão, por meio de sua escrita nos periódicos brasileiros, denunciou as injustiças sociais que afligiam as mulheres, tanto em Portugal quanto no Brasil, e apresentou soluções concretas para a construção de uma sociedade igualitária, em sua visão. Seu legado, recuperado e analisado neste artigo, foi não só um levante para as mulheres de sua época como permanece o sendo atualmente, pois, como alega Constância Lima Duarte (2003), seria uma derrota do feminismo

> permitir que as novas gerações desconheçam a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras, a luta das mulheres de antigamente que, de peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos (Duarte, 2003, p. 152).

Referências

Lusitania: Revista Illustrada de actualidades e de aproximação Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: 1929-1934

Patria Portugueza. Rio de Janeiro, 1925-1934
Revista Portuguesa. São Paulo: 1930-1937.
ANASTÁCIO, Vanda. Onde estão as mulheres? Um percurso didático pela história da literatura portuguesa. **Convergência Lusíada**, v. 33, n. 48, p. 12-38, 2022. Disponível em: https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view
ANTUNES, Alexandra de Carvalho, "Sarah Beirão – Nota Biográfica", in BEIRÃO, Sarah. **Amores no Campo**. 14.ª ed., Oeiras: Mazu Press, 2020.
BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
COSTA, Célia Rosa. **História do Conselho nacional das mulheres portuguesas**: (1914-1947). Lisboa: Tinta-da-China, 2021.
CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia A. M. de (org.). **Ao raiar da aurora**: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas. Volume 2. São Paulo: Liber Ars, 2022.
DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, v. 17, p. 151-172, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010
LOUSADA, Isabel. **Imprensa**: amplificador da voz feminina. 2010. Disponível em: http://hdl.handle.net/10362/4157
ESTEVES, João. **O movimento feminista em Portugal**: periódicos, 1899-1928. Faces de Eva. Estudos sobre a mulher, n.º 1-2, 1999, p. 185-196, dez. 1999.
OSÓRIO, Anda de Castro. **Às mulheres portuguesas**. Edição de Andreia Neves e Filipa Catarino. Lisboa, PT: Bibliotônica Portuguesa, 2015.
PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. 2ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2017.
SILVA, Maria Regina Tavares da. **Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX**. Análise Social, v. 19, n. 77/79, p. 875-907, 1983. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41010433
TRICHES, Robertha Pedroso. **Os sentidos do Atlântico**: a revista Lusitânia e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro. 2011. 249f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

Recebido em: 23/01/2025
Aceito em: 11/09/2025